

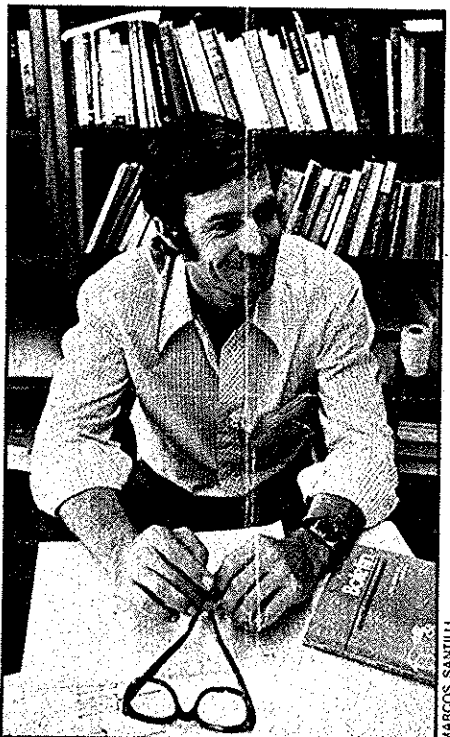
As estradas e os índios

O QUE PODEM GANHAR E O QUE PODEM PERDER AS TRIBOS ALCANÇADAS PELA PERIMETRAL NORTE

Por Eliane Cantanhede

Para o recém-formado arquiteto escocês de 24 anos, a hipótese de um dia viver no remoto território brasileiro de Roraima provavelmente pareceria absurda e até mesmo engraçada. No entanto, quase dez anos depois, em 1968, Kenneth Ian Taylor, já metamorfoseado em antropólogo, iria aterrar naqueles ermos tropicais para um contato de dois anos com os índios yanoamas. O intervalo entre 1959 e 1968 esconde, na verdade, uma série de outras surpresas — principalmente a brusca irrupção da vocação antropológica de Taylor, despertada durante "o melhor verão de minha vida", passado na baía de Umanaq, na Groenlândia, após um único e decepcionante ano de atividades no ramo da arquitetura.

A drástica transformação profissional de Taylor começou por sua casual paixão pelos passeios de caíques (barcos esquimós) e amadureceu em dois meses e meio de convivência com os esquimós da aldeia de Igdlonssuit — "as pessoas mais amáveis do mundo", lembra Taylor. De volta a sua Glasgow, na Escócia, acompanhou-o uma idéia fixa — abandonar a arquitetura e morar na Groenlândia. Só por insistente argumentação dos amigos para que fizesse, primeiro, um curso de antropologia, resolveu adiar a partida. Taylor se matriculou então na Universidade de Wisconsin nos Estados Unidos — onde um desentendimento com um professor o obrigou novamente a cancelar os planos de uma vida entre a gente de Igdlonssuit. A tese de mestrado exigia-lhe, de qualquer modo, o contato com um grupo cultural absolutamente impermeável ao pensamento ocidental — e, por influência de uma colega brasileira, Taylor acabou elegendo os índios sanomás, subgrupo dos yanoamas. Aliás, a conselheira acabaria se tornando sua esposa: Alcida Ramos, professora hoje, como ele, da Universidade de Brasília. De 1968 a 1970, os dois permaneceram em Roraima. Volta-



Taylor: dos esquimós aos yanoamas

ram aos Estados Unidos para escrever a tese e, em 1972, vieram, como professores visitantes de pós-graduação em antropologia, para o Museu Nacional do Rio de Janeiro. No mesmo ano, eram contratados pela Universidade de Brasília.

Desde março deste ano, no entanto, Taylor está licenciado da UnB para coordenar o Projeto Perimetral-Yanoama, da Funai — ou seja, uma tentativa de controlar o contato entre índios e brancos em Roraima, incrementado nos últimos meses pelas obras da rodovia Perimetral Norte. Projeto que a comunidade científica brasileira teve a oportunidade de conhecer e apreciar, no fim da semana passada, na reunião anual da So-

ciade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Belo Horizonte (veja a página 75). E é sobre as condições e os perigos deste brusco encontro de duas culturas que Taylor falou a VEJA, em sua sala do Instituto de Ciências Humanas da UnB. Ali, aos 40 anos e falando um português quase sem sotaque, ele conserva, ao lado dos cocares e dos livros, algumas fotografias da sempre lembrada Groenlândia.

Alternativas para um melhor contato

VEJA — Nada tem sido mais dramático para a sobrevivência das tribos indígenas brasileiras que a construção de estradas em seus territórios. Pela estrada vêm o branco, o vírus das doenças, os germes da mendicância, da violência, da prostituição. A construção da Perimetral Norte, por exemplo, está evocando novamente todos esses problemas. Em sua opinião, o que deveria ser feito?

TAYLOR — Há duas alternativas. Uma, seria traçar as estradas de forma a evitar as áreas indígenas — o que não tem sido possível por razões que fogem ao controle da Funai e dos antropólogos. Imagino que seja por uma ou outra questão técnica. O ideal, em termos de preservação do índio, seria que a estrada não passasse por seu território — mas isto não vem sendo conseguido.

VEJA — Uma vez que o ideal não tem sido conseguido, o que se poderia fazer, como segunda alternativa, em termos de prevenção?

TAYLOR — O recurso é implantar uma série de medidas que controlem os contatos entre os brancos, representados geralmente pelos operários e engenheiros das empreiteiras, e os índios. Passa-se a controlar, então, a saúde de quem entra na área, a imunizar os índios, a estabe-

lecer uma rede de assistência médica em todo o território indígena.

VEJA — *De qualquer forma, esse tipo de trabalho só começa quando o contato já foi estabelecido — ou seja, quando, às vezes, a situação já é grave dentro das tribos, com epidemias, doenças, mortes.*

TAYLOR — É evidente que, no caso de uma estrada que vai cortar um território indígena, o preferível teria sido a imunização completa tanto dos índios como dos brancos antes do início da construção — assim como todas as outras medidas sanitárias. Mas isso também não é feito. Os problemas acabam aparecendo no decorrer da construção. Infelizmente, nem sempre são previstos de forma adequada — isto é, talvez ninguém tenha imaginado que o impacto da construção de uma estrada pudesse ser tão pesado para as populações indígenas.

VEJA — *Mas por quê? A Funai não tem ampla familiaridade com esse tipo de trabalho?*

TAYLOR — Com a construção de grandes e modernas estradas, o problema passa a ser muito mais violento que nos contatos típicos anteriores, quando a penetração em território indígena era feita por pequenos grupos de pessoas. Ai, as medidas tradicionais de controle sanitário da Funai funcionavam bem. Agora, tudo acontece rapidamente. As penetrações são maciças, centenas de pessoas entrando em áreas ocupadas, muitas vezes, por poucos índios. E a Funai não teve, a meu ver, as condições materiais necessárias para enfrentar essa nova realidade. Só agora todos estão plenamente conscientes da situação e tentam criar medidas, como o Projeto Yanoama, por exemplo, que vai agir na área da Perimetral Norte com muito mais pessoal que a Funai tradicionalmente costumava acionar para trabalhos semelhantes.

Nem sempre o índio sai perdendo

VEJA — *Com proteção ou sem proteção, o certo é que o índio sempre sai perdendo no contato índio-civilizado, não é verdade?*

TAYLOR — Nem sempre o índio sai perdendo. Se fosse possível garantir sua sobrevivência física, ele não sairia, necessariamente, perdendo. Isso depende de cada ponto de vista. O índio, às vezes, ganha ferramentas de aço, assistência médica e sanitária para problemas que não foram trazidos pelos brancos, para problemas especificamente seus. Neste caso, ele saiu ganhando. E há quem considere que o índio é mais feliz quando

civilizado — e que, portanto, alega que ele ganha sempre com o contato com o branco.

VEJA — *E o senhor, pessoalmente, compartilha dessa opinião?*

TAYLOR — Eu acho que esta é uma questão extremamente discutível. Tive o privilégio de conviver com os índios yanoamas durante 24 meses de minha vida, vendo-os numa situação quase tradicional, de contato apenas com missionários. Tenho vivido em aldeias nunca visitadas. Quer dizer: até certo ponto, conheço o que deve ter sido a vida tradicional deles. E de forma alguma considero aquela vida miserável. Acho uma vida muito feliz e inteiramente satisfatória — para quem está acostumado a ela, evidentemente.

VEJA — *Evidentemente?*

TAYLOR — Nós, que já estamos acostumados a nosso conforto de civilizados, acharíamos bastante difícil passar a vida inteira com aquele padrão. Mas eles não conhecem as alternativas, não sentem falta do conforto da civilização e têm uma vida muito feliz.

VEJA — *Nesses contatos com os civilizados, o índio começa a ter condições de comparar seu modo de vida, sua cultura. Não é aí que surgem todos os problemas?*

TAYLOR — É exatamente isso que acontece. Os índios, imediatamente, de forma quase inevitável, passam a ambicionar uma série de coisas que temos em nossa cultura. Querem ferramentas de aço, certos tipos de comida — sal, por exemplo — e roupas que eles tipicamente gostam de usar, mesmo sem necessidade no clima em que vivem. O problema é que eles não podem passar a sustentar, de um minuto para outro, a vida material que temos. Eles são, do nosso ponto de vista, muito pobres, não teriam recursos para financiar um padrão de vida considerado bom em nossa civilização. Por isso, nos primeiros anos — e até décadas — de contato com o civilizado, eles têm uma infinidade de problemas.

VEJA — *O que, então, seria melhor: manter o índio isolado, para evitar o confronto de culturas, ou permitir o contato, para que ele desfrute de certas facilidades, como ferramentas, etc.?*

TAYLOR — Isolar o índio de forma que continue levando sua vida tradicional é uma idéia que me atrai muito. Acho que os sanomás — que eu conheço —, por exemplo, são mais felizes agora do que serão nas próximas décadas, pois o contato não fornece ao índio, automaticamente, todas as facilidades da civilização. Ao contrário, traz para ele todos seus problemas e suas misérias. Por isso,

acho que o isolamento, em certo sentido, é uma alternativa muito atraente. É uma pena que seja pouco viável.

VEJA — *E pouco viável por quê?*

TAYLOR — Vejo problemas para o isolamento, não pelos motivos costumeiramente apresentados. Alguns acham a idéia absurda, inviável, por ser impossível impedir a chegada da civilização, portanto, inevitável a mudança na vida dos índios. Não aceito isso. Pelo contrário, acho que é perfeitamente evitável, em especial num país com as dimensões do Brasil.

VEJA — *O que seria necessário, então, para defender a autonomia cultural dos índios?*

TAYLOR — Depende de uma política nacional.

VEJA — *No Brasil, não existe essa política?*

TAYLOR — Não, mas poderia existir. O Brasil pode se dar ao luxo de separar áreas exclusivamente para os índios — que, sem contato com os brancos, continuariam levando sua vida tradicional.

A obrigação básica da proteção médica

VEJA — *E por que isso não ocorre?*

TAYLOR — É que continua muito difundida a mentalidade de que o branco teria uma espécie de obrigação moral para com o índio — a de civilizá-lo. Existe a idéia de que a civilização é algo tão bom que necessariamente tem de ser levado aos índios, pobrezinhos, coitados, miseráveis, sempre nus, desamparados.

VEJA — *O senhor concorda com isso?*

TAYLOR — Não. Acho que os índios são extremamente felizes sem a civilização. Mas esta não é uma boa razão, a meu ver, para se deixar de isolar o índio. A verdadeira e respeitável razão seria de ser encontrada no aspecto da saúde. Mesmo que você opte por uma nova política e tente isolar e separar os índios em parques e reservas, é inevitável — isto sim — que nossas doenças cheguem até eles. É impossível conseguir um isolamento 100%, a ponto de jamais um branco doente os contaminar. Quer dizer: você isolaria o índio e ele acabaria morrendo por nossas doenças, de qualquer forma. Já morreram milhares de índios brasileiros por esse motivo.

VEJA — *Que responsabilidades nós temos, então, em relação ao índio?*

continua na página 6

continuação da página 4

TAYLOR — Nossa obrigação se resume à proteção médica, já que nós é que transmitimos a ele nossas doenças. Mas não temos obrigação de civilizá-lo, apenas de garantir-lhe a sobrevivência física.

VEJA — *Mas, ainda que aos índios fossem reservadas amplas áreas de isolamento, não haveria o risco de o branco logo começar a ambicionar suas terras?*

TAYLOR — Exatamente. A terra é uma coisa cobiçada pelo branco — e, infelizmente, em 1975, ele continua achando que tem direito a ela. Aliás, essa foi a política oficial dos Estados Unidos no século passado. E é, ainda hoje, uma atitude que existe no Brasil, país tão grande que não precisaria ver disputado cada centímetro de suas terras.

VEJA — *A política oficial brasileira insiste na tese da "integração do índio". O que viria a ser isso? Não seria a própria negação da idéia de isolamento, de reservas, etc.?*

TAYLOR — Hoje, temos de recolocar a questão. Anos atrás, falava-se em integrar o índio aparentemente com intenção de aculturá-lo, civilizá-lo e assimilar as populações indígenas. O resultado seria: todos brasileiros, alguns com descendência européia, outros de descendência índia.

Quem decide sobre o Índio? O branco

VEJA — *E que o senhor pensa disso?*

TAYLOR — A experiência vem mostrando que é uma idéia errada. No que diz respeito ao contato com o índio, os processos em desenvolvimento no país, nas últimas décadas, não levam a esse tipo de assimilação pacífica, agradável e desejável das populações indígenas. O que aconteceu é que a sobrevivência do índio dificilmente é garantida. Precisamos, pois, de soluções novas e melhores.

VEJA — *E quais seriam as soluções?*

TAYLOR — Em primeiro lugar, a integração não parece ter dado muito certo. Temos índios mortos ou marginalizados e apenas muito poucos realmente assimilados. Os casamentos com brancos, por exemplo, são muito comuns em determinadas etapas do contato. Mas deixam de existir quando passa a haver contatos entre um grupo de índios e uma amostra razoável (famílias inteiras) da sociedade nacional. Acho, assim, que o preferível seria não procurar assimilar o índio, mas manter as populações indígenas como minorias étnicas autônomas, gozando, cada vez mais, dos bons aspectos

de nossa sociedade. Não perderiam, assim, sua cultura. Para isso, é necessária uma série de coisas, a começar pela sobrevivência física do índio, é claro, e a garantia de suas terras, além do direito de não acabar como simples mão-de-obra na sociedade nacional. O índio não deve trabalhar para o branco, deve ser mão-de-obra somente dentro de sua própria sociedade, produzindo, assim, o que vender aos brasileiros.

VEJA — *E o que os próprios índios acham dessa idéia?*

TAYLOR — Sem dúvida, eles estão perfeitamente conscientes do problema das terras — e lutam para conservá-las. Entendem claramente que os brancos invadem suas terras. Isso explica, inclusive, os massacres já havidos. Acho, no entanto, que os índios não entendem bem as mudanças que os contatos com os brancos trazem à sua vida. O índio vê a civilização pelos missionários, antropólogos e o pessoal da estrada. Quer dizer, entra em contato com aspectos quase luxuosos da civilização. Sim, porque as máquinas, os aviões, a fartura alimentar dão ao índio a impressão de que o branco possui uma cultura riquíssima. O missionário, embora considere sua vida pobre, de sacrifícios, no meio da selva, acaba dando uma impressão inversa ao índio. Há inclusive o exemplo de missionários estrangeiros que vivem muito bem na selva, com máquinas de lavar roupa, geladeira e tudo o mais. Mas nós sabemos muito bem que o índio nunca terá máquina de lavar roupa.

VEJA — *Ele acha que ser civilizado significa ter acesso a essas coisas?*

TAYLOR — Sim. Só depois vai descobrir que há uma camada de pobreza e miséria, onde ele tipicamente se inclui. Se, pelo contrário, o índio pudesse entrar na sociedade brasileira como um membro bem alimentado e abastecido da classe média, essa seria uma boa solução para ele. Mas todos que estudam sua vida sabem que não é este o seu fim.

VEJA — *Esses estudiosos, que afinal decidem sobre o destino do índio, permitem que ele se pronuncie?*

TAYLOR — Estamos tocando num aspecto bastante delicado e pouco confortável do tipo de trabalho que tentamos fazer. Nós nos consideramos mais bem informados sobre sua vida do que o próprio índio. Acabamos achando que sabemos o que é melhor para ele.

VEJA — *Ou seja, o branco comanda a vida do índio?*

TAYLOR — Infelizmente ocorre essa estranha situação. Temos de assumi-la e aceitá-la.

VEJA — *E o senhor acha correto?*

TAYLOR — Havendo sinceridade na disposição de ajudá-lo, sim. Seria bobagem dizer que não, quando sabemos que o índio pode sofrer péssimas consequências de suas escolhas, geralmente inocentes e erradas.

VEJA — *Essa interferência é pouco desejável mas necessária, então?*

TAYLOR — É desejável. Se optássemos pela não-interferência, estaríamos cometendo pecado de omissão.

VEJA — *O índio tem alguma consciência da necessidade de preservar sua cultura?*

TAYLOR — É difícil generalizar. Meu conhecimento pessoal se limita a uma tribo — e de algumas outras, apenas, pela literatura. Acho, no entanto, que é típico dele não pensar em termos de preservação de sua cultura. Ele pensa apenas que é ótimo ter máquina de lavar, espingarda, usar roupa.

Cultura indígena como forma de vida

VEJA — *Sob o aspecto meramente antropológico, quais são os resultados do desaparecimento das culturas indígenas?*

TAYLOR — Em termos da sociedade brasileira, pode-se dizer que o índio já lhe deu todo o tipo de colaboração que podia. Há muitos aspectos no interior do país que são heranças da cultura indígena. Portanto, nesse sentido, não faria muita diferença para o Brasil. Faria, sim, muita diferença para a sociedade ocidental em geral. Estou, obviamente, falando sob o ponto de vista antropológico — perder outras culturas humanas que não a nossa. Acho uma situação extremamente saudável e vantajosa o fato de termos conhecimento de outras maneiras alternativas de viver como seres humanos.

VEJA — *O que é, portanto, sinal de que não alcançamos a forma ideal...*

TAYLOR — Até hoje, na verdade, não chegamos ao ponto de aproveitamento máximo do conhecimento fornecido por essas formas alternativas de existência. A meu ver, ainda não sabemos viver idealmente. Toda sociedade, com sua vida social, política e econômica, está sempre buscando uma maneira de viver melhor — e não deve perder, então, desnecessariamente, referências que podem nos ensinar alguma coisa para o futuro, como é o caso das culturas indígenas. Ainda há muita coisa a ser estudada nessas culturas, antes de as perdermos.